

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

DHENIFER CAROLINE ALVES DE SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA A
EDUCAÇÃO INFANTIL**

GOIÂNIA

2023

Dhenifer Caroline Alves de Souza

**CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA A
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Esperança Fernandes Carneiro.

GOIÂNIA

2023

DHENIFER CAROLINE ALVES DE SOUZA

Contribuições da Pedagogia freiriana para a Educação Infantil

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Profa. Orientadora: Dra. Maria Esperança F. Carneiro

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof. Convidado:

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___ / ___ / 2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Genirlene Rodrigues Alves, aos meus irmãos, Guilbert Max Alves de Souza e Elizia Gabriela Rodrigues Nascimento, e ao meu namorado Christyan Rianh Rocha Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, cuja orientação e força me sustentaram ao longo desta jornada acadêmica.

A minha mãe, que sempre me apoiou e fez o inalcançável para tornar meu sonho possível. Você é minha inspiração, e este trabalho é dedicado principalmente a você.

Ao meu irmão, que sempre esteve ao meu lado, me encorajando do seu jeitinho e me ouvindo nas madrugadas de estudo.

A minha irmã que esteve cuidando de mim e me ouvindo sem mesmo entender muito bem.

Ao meu namorado que sempre me ouviu e me acompanhou durante todo esse processo, tornando tudo mais leve.

Dedico especialmente a minha orientadora, que me mostrou que seria mais que possível desenvolver esse trabalho, obrigada por me acolher com tanto carinho, amor e dedicação.

Este é o resultado de uma jornada que compartilhamos, e é com gratidão que dedico este trabalho a todos vocês.

RESUMO

Este trabalho pesquisa de conclusão de curso, a monografia II, constitui-se em uma das disciplinas do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Nosso problema de pesquisa foi apreender como as visões de Paulo Freire e Dermeval Saviani têm contribuído para uma educação crítica para a conscientização e humanização de nossas crianças na educação infantil. Abordamos primeiramente as contribuições de Paulo Freire e depois de Dermeval Saviani para a educação, destacando suas perspectivas e teorias educacionais. Ambos compartilham uma abordagem crítica da educação, mas com ênfases ligeiramente diferentes. Os autores têm a dialética enquanto perspectiva metodológica possibilitando fundamentação teórica de reconhecimento das contradições do capitalismo e suas influências no processo da educação tradicional. Nosso objetivo geral é analisar se as visões de Paulo Freire e Dermeval Saviani têm contribuído para uma educação crítica para a conscientização e humanização de nossas crianças na educação infantil. E os objetivos específicos são: 1- apreender a pedagogia Freiriana conhecida internacionalmente, por sua defesa enfática da educação libertadora e do diálogo, da conscientização e da humanização. Ele acredita que a educação deveria empoderar os oprimidos, permitindo que compreendessem e transformassem sua realidade. O diálogo e a consciência desempenham papéis essenciais em sua pedagogia. Assim como um segundo objetivo específico foi apreender a pedagogia crítica e social de Dermeval Saviani, que vê a educação como intrinsecamente ligada ao trabalho humano e à natureza humana. Ele valoriza a transmissão de conhecimento sistematizado e ordenado na escola, enfatizando o papel crucial da escola na socialização do conhecimento para o trabalho. Desenvolvemos dois capítulos nesta pesquisa. No primeiro capítulo tratamos das contribuições das concepções pedagógicas de Paulo Freire e Dermeval Saviani. No segundo capítulo historicizamos como nasceu e se desenvolveu a educação pré-escolar no Brasil, desde seus primórdios com a chegada dos jesuítas em 1549 até suas conquistas mais recentes. Ambos os educadores desempenharam papéis significativos na história da educação no Brasil, influenciando as práticas educacionais. Suas visões têm impactado o desenvolvimento educacional do país por sua proposta de educação crítica. Em resumo, Freire e Saviani compartilham uma abordagem crítica da educação, mas divergem em ênfases específicas um mais preocupado com o processo de humanização e o outro com a preparação para o trabalho, mas ambos desenvolveram caminhos para construção de uma sociedade justa e igualitária, tornando-se figuras influentes na história da educação no Brasil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pedagogia. Pedagogia freiriana. Diálogo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1	11
CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	11
CAPÍTULO 2	18
PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR NO BRASIL	18
2.1 Processo histórico da Educação Infantil.....	18
2.2 Paulo Freire e a Educação Infantil.....	20
CONSIDERAÇÕES	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

O meu objeto de estudo é a contribuição da pedagogia freiriana para a educação infantil. Esta pesquisa faz parte da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

A Educação tem como especificidade a seleção e transmissão de diferentes saberes. Sendo, por isso, um campo muito amplo; o que permite reconhecer que a Educação não é um fenômeno restrito ao espaço escolar. Assim, há saberes específicos para cada espaço onde a educação é praticada: família, igreja, sindicato, escola etc. Um dos espaços privilegiados para a prática educativa em nossa sociedade é a escola.

A pedagogia freiriana, baseada nos princípios de diálogo, reflexão crítica e ação transformadora, tem sido tradicionalmente aplicada em contextos de educação de adultos, mas seu potencial na educação infantil tem recebido crescente atenção nos últimos anos. A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, e a abordagem freiriana pode enriquecer essa etapa importante, empoderando os alunos desde cedo.

O nosso problema de pesquisa é investigar “Quais as contradições que a pedagogia freiriana traz ao desvelar a pedagogia tradicional para a reflexão da pedagogia tradicional bancária?”

O objetivo desse trabalho é trazer a pedagogia freiriana como contributiva para a educação infantil e especificamente como caminho do desenvolvimento cognitivo da criança com a construção de conhecimentos críticos e emancipadores.

Levando em consideração que Paulo Freire, nos mostra que a relação entre objeto e sujeito na sociedade capitalista se dá via relação oprimido e opressor buscamos a pedagogia freiriana como teoria do método dialético capaz de transformar essa relação em libertadora e humanizadora das relações sociais. Para tanto, o materialismo dialético, como método faz uma análise crítica da sociedade capitalista onde o homem o capitalista explora os demais homens e mulheres os trabalhadores/as. O materialismo dialético, é possível que o educador e o educando transformem o conhecimento em instrumento de luta para a construção de uma sociedade justa e para todos/as.

Dividimos o trabalho em dois capítulos: no primeiro tratamos das contribuições da pedagogia freiriana para a educação infantil, com destaque para as concepções pedagógicas de Paulo Freire e Dermeval Saviani. Saviani utiliza a teoria social de Marx como base de sua análise, enfatizando a relação entre educação e trabalho. Ele acredita que a educação é um

processo de trabalho associado à produção invisível. Saviani aqui discute a natureza e as peculiaridades da educação e enfatiza a importância de fornecer conhecimento de forma sistemática nas escolas. Paulo Freire enfatizou a importância da compreensão crítica e da educação para a emancipação humana. Vê a educação como um processo de diálogo, investigação e reflexão que ajuda os alunos a compreender e a mudar ativamente a sua realidade. Freire acreditava que a educação era uma forma de capacitar os oprimidos e transformá-los em agentes de mudança. Os dois educadores partilhavam uma visão da educação como ferramenta de transformação política e social. Freire defendeu uma abordagem participativa e crítica, enquanto Saviani enfatizou a importância de conteúdos sistemáticos na educação. Ambos tiveram um grande impacto no campo da pedagogia, promovendo a compreensão e o pensamento crítico como fatores importantes na criação de uma sociedade mais justa e equitativa. O texto também aborda o contexto político em que esses educadores atuaram, especialmente o golpe militar que interrompeu o programa de alfabetização de Paulo Freire.

No segundo capítulo oferece uma análise crítica e aprofundada do percurso histórico da educação pré-escolar no Brasil, desde seus primórdios com a chegada dos jesuítas em 1549 até suas conquistas mais recentes. Cada seção revela nuances importantes dessa jornada, destacando não apenas marcos históricos, mas também mudanças paradigmáticas e a influência da pedagogia de Freire nas abordagens educacionais das crianças. Na primeira parte, o texto explora a pedagogia jesuíta, baseada na *Studiorum Ratio*, que buscava incutir valores cristãos nas crianças das colônias. As distinções de classe e raça eram evidentes desde o início da educação no Brasil, com as crianças indígenas e escravizadas sendo educadas para fins de aculturação, enquanto os filhos dos colonizadores tinham acesso a uma educação mais ampla. O período colonial caracterizou-se pela ausência de um conceito de infância que garantisse os direitos básicos das crianças. Ao longo das décadas, o texto destaca a evolução da educação infantil, passando de uma abordagem social para o reconhecimento como um direito. A promulgação de documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1990 e 1996, respectivamente, marcou uma mudança significativa na percepção da educação pré-escolar, posicionando as crianças como cidadãs, com direitos garantidos pela Constituição. Uma parte significativa deste capítulo é dedicada à influência de Paulo Freire na educação infantil. Destaca-se a abordagem crítica e emancipatória de Freire, com foco no diálogo. A ideia de que as crianças são sujeitos de direitos, capazes de aprender não só através da intervenção do professor, mas também através da brincadeira e da interação com o meio ambiente é fundamental. Foi enfatizada a ideia de que o

conhecimento é uma construção coletiva e que a educação deve facilitar a aprendizagem ativa das crianças. A integração da pedagogia freiriana na educação pré-escolar é abordada sob a perspectiva do diálogo e da brincadeira, o diálogo é considerado uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento coletivo, ajudando as crianças a aprenderem de forma mais integrada. Por sua vez, a brincadeira é vista não apenas como um momento isolado, mas também como um elemento central em todos os momentos de aprendizagem na educação infantil.

Ao analisar a contribuição da pedagogia de Freire para a educação infantil e destacar seu contraste com as ideias de Dermeval Saviani, nosso trabalho traz as seguintes considerações, embora ambos os educadores partilhassem a visão de que a educação é uma ferramenta para a mudança social, as suas abordagens diferiam em método e foco. Dermeval Saviani baseou a sua visão na teoria social de Marx e enfatizou a relação entre educação e emprego como um processo imaterial. Enfatiza a educação como fator-chave na socialização do conhecimento sistematizado. Por seu lado, Paulo Freire propôs uma abordagem mais crítica e liberal, rejeitando a “educação bancária” e enfatizando o diálogo, a reflexão e a sensibilização como elementos essenciais. Ambas as partes concordam que a educação não deve ser neutra, mas sim um instrumento de mudança política e social. Ênfase no diálogo, no pensamento crítico e na sensibilização como base para formar pessoas capazes de trabalhar na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A obra também contextualiza as ideias dos educadores no contexto da história e da política brasileira, especialmente durante o golpe militar de 1964. A obra também enfatiza a importância do brincar, da imaginação e da inclusão na educação infantil. A integração da pedagogia freiriana na educação infantil enfatiza o diálogo, a autonomia e a participação ativa das crianças no seu próprio desenvolvimento. O brincar é considerado condição básica para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Em suma, este trabalho fornece uma análise abrangente das contribuições de Freire e Saviani para a educação, destacando seus pontos de convergência e divergência e situando suas ideias no contexto histórico. Ressalta-se a importância de atividades educativas que respeitem a individualidade das crianças, estimulem o diálogo e a brincadeira e promovam uma educação crítica e transformadora.

CAPÍTULO 1

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O meu objeto de estudo é pesquisar as contribuições da pedagogia freiriana para a educação infantil. Neste primeiro capítulo discutiremos o conceito de educação em Paulo Freire utilizando sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2005) e *Pedagogia como Prática da Liberdade*. Também vamos estabelecer um diálogo com Dermeval Saviani, principalmente com a leitura sobre a *Natureza e a Especificidade da Educação*, em sua obra intitulada *Pedagogia Histórica-crítica* (2005).

Dermeval Saviani (2005), baseia sua análise sobre a natureza e especificidade da Educação na teoria social de Marx, que coloca o trabalho como um pilar fundamental da atividade humana. O trabalho, para Marx, é o processo de transformar a natureza em objetos úteis à vida humana, e essa transformação não se limita à natureza, pois também se aplica à própria essência humana. O trabalho humano tem o poder de elevar a humanidade a níveis mais altos de desenvolvimento, modificando as formas de interação com o mundo natural e social (Da Rocha, 2007).

Nesse contexto teórico, Saviani argumenta que a Educação é um fenômeno exclusivamente humano. Ele reconhece um vínculo intrínseco entre a educação e a humanidade, implicando que a educação é um fenômeno inerente à pessoa humana. Para compreender a natureza da educação, Saviani (2005) recorre à ideia de Marx de que o trabalho é o que diferencia os seres humanos de outros animais, especialmente devido à capacidade teleológica do trabalho, que envolve a projeção de resultados da ação no pensamento. Portanto, a natureza humana é definida pelo trabalho (Da Rocha, 2007).

A partir dessa base, Saviani (2005) estabelece uma relação crucial entre educação e trabalho, argumentando que ambos estão intrinsecamente ligados à natureza humana. Isso leva à conclusão de que a educação é, em sua essência, um processo de trabalho. O trabalho não se limita à produção de bens materiais para a subsistência, mas também envolve a representação mental, incluindo o conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), a valorização (ética) e a simbolização (arte) (Da Rocha, 2007).

Essa atividade antecipadora no pensamento constitui o trabalho não material, do qual a educação faz parte. Saviani distingue dois tipos de produção não material, situando a educação na modalidade em que o produto não se separa do ato de produção. Isso significa que a educação é um processo em que a produção e o consumo estão entrelaçados, como acontece na aula, por exemplo (Da Rocha, 2007).

Após esclarecer a natureza da educação, Saviani (2005) aborda sua especificidade, ou seja, o que a distingue. Ele argumenta que a educação se relaciona com ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades. No entanto, esses elementos, quando considerados independentemente do ser humano, são objetos das ciências humanas, não da pedagogia. A educação os torna objetos quando é necessário que as pessoas os assimilem (Da Rocha, 2007).

Saviani destaca que o objeto da educação envolve a identificação dos elementos culturais a serem assimilados e os métodos adequados para essa assimilação. No contexto escolar, a escola desempenha um papel crucial na socialização do saber sistematizado, focando no conhecimento elaborado, metódico e científico. Portanto, Dermeval Saviani argumenta que a educação é um processo intrinsecamente ligado ao trabalho humano e à natureza humana, enfatizando a importância da transmissão do conhecimento sistematizado e ordenado no ambiente escolar (Da Rocha, 2007).

Já Paulo Freire, um renomado educador brasileiro, trouxe conquistas significativas ao campo da educação ao desenvolver uma abordagem pedagógica que enfatizava a consciência e a educação crítica como elementos essenciais da emancipação humana. Ele acreditava que a educação não deveria ser um ato de mera transmissão de conhecimento, mas sim um processo de diálogo, questionamento e reflexão que possibilitasse aos alunos compreender e transformar ativamente a realidade em que vivem (Gadotti, 1996; 2019).

Nas suas próprias palavras, Freire argumentou que “a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo”. Esta visão refletiu-se nas ideias de Dermeval Saviani, que também defendia uma educação crítica que permitisse aos indivíduos analisar e criticar estruturas sociais injustas. Juntos, Freire e Saviani inspiraram uma revolução na educação, enfatizando a importância da conscientização e da reflexão crítica como ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Gadotti, 1996; 2019).

Neste contexto, cabe destacar que no primeiro capítulo do livro “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, o autor apresenta sua visão sobre o conceito de educação. Para Freire, a definição específica de educação defendida por Paulo Freire (1970), pode ser expressa como uma educação que seja um processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação e reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana. Apresentando os conceitos-chave que moldam sua abordagem pedagógica, Freire argumenta que a verdadeira educação é aquela que forma as pessoas para se tornarem seres pensantes e críticos, capazes de exercer sua liberdade e transformar suas vidas. A educação não deve ser um ato de

imposição, mas sim um processo conjunto em que educadores e alunos dialogam e raciocinam juntos (Da Rocha, 2007).

Freire também enfatiza a importância do diálogo como meio de construção do conhecimento, onde:

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: palavra. Mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (Freire, 2006, p. 89).

Ele acredita que o diálogo genuíno entre educadores e alunos é essencial para compreender criticamente o mundo e superar estruturas opressivas. Um dos conceitos centrais de Freire é a consciência, que envolve a consciência das condições sociais, políticas e econômicas que oprimem as pessoas. A educação deve permitir que os indivíduos compreendam a sua realidade e ajam para mudá-la (Da Rocha, 2007).

Ele também defende que a educação tem o poder de humanizar as pessoas e capacitá-las a se tornarem sujeitos ativos de sua própria história. Isto inclui reconhecer a dignidade de cada pessoa e respeitar a sua individualidade. O próprio título do livro “Pedagogia do Oprimido” de Freire sugere que sua visão de educação está profundamente ligada à libertação dos oprimidos. Ele argumenta que a educação deve ser um meio para as pessoas marginalizadas e oprimidas ganharem poder, voz e capacidade de transformar as suas vidas (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Assim, para Paulo Freire, a educação é uma prática libertadora que inclui o diálogo, a conscientização, a humanização e a busca pela superação das condições de opressão. Seu trabalho revolucionou a pedagogia, influenciando as práticas educacionais em todo o mundo e enfatizando a importância de uma abordagem participativa e crítica no processo de ensino e aprendizagem (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Paulo Freire (1921-1997) é amplamente reconhecido como um dos mais renomados educadores brasileiros. Para muitos, ele é visto como uma espécie de guia inspirador, um oráculo que direciona os educadores na resolução de problemas pedagógicos. Quando se trata de criticar a chamada “pedagogia tradicional” e promover a desejada “pedagogia crítica”, Freire é considerado o principal referencial teórico. Além disso, muitos o defendem e aplicam suas ideias sem nem mesmo perceber, enquanto outros o fazem simplesmente repetindo o que ouviram ou experimentaram em suas carreiras acadêmicas ou profissionais, resultando em uma apropriação acrítica de um pensamento que se deseja crítico (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Freire se destacou inicialmente pelo seu método de alfabetização para adultos, reconhecendo que a educação tem intrinsecamente uma dimensão política. Ele enfatizou que a educação não se torna política por causa de um educador específico, mas que é inerentemente política. No capítulo 2 de *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p. 25), descreve que:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

Freire viu a educação não apenas como um processo de ensino e aprendizado, mas também como um instrumento de transformação social, conscientização e libertação dos oprimidos. Para ele, a educação era um ato de coragem, uma intervenção no mundo é um processo político (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Na perspectiva de Freire, ensinar não se limitava à transmissão de conhecimento; a pedagogia deveria também despertar a consciência dos alunos. Ele acreditava que a educação preparava as pessoas para se transformarem e transformarem o mundo, libertando-se da opressão. Freire enfatiza que a relação entre política e educação era intrincada e que a educação não podia ser separada do contexto político. Ele via o educador como alguém que era político na sua função de educar e, ao mesmo tempo, o político era um educador por sua própria natureza política (Schütz; Fensterseifer, 2018). Freire (2011) afirma que:

Nesta altura da reflexão, me parece importante deixar claro que a educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. É o que trabalha, incansavelmente, a boa qualidade do ensino, a que se esforça em intensificar os índices de aprovação através de rigoroso trabalho docente e não com frouxidão assistencialista, é a que capacita suas professoras cientificamente à luz dos recentes achados em torno da aquisição da linguagem, do ensino da escrita e da leitura. Formação científica e clareza política de que as educadoras e os educadores precisam para superar desvios que, se não são experimentados pela maioria, se acham presentes em minoria significativa. Como, por exemplo, a ilusão de que os índices de reprovação revelam uma certa rigorosidade necessária ao educador; como, por exemplo, vaticinar nos primeiros dias de aula, que estes ou aqueles alunos serão reprovados, como se os professores devessem ser videntes também. [...] É a que, em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para a elas poder ensinar também. É a que entende a escola como um centro aberto à comunidade e não como um espaço fechado, trancado a sete chaves, objeto de possessivismo da diretora ou do diretor, que gostariam de ter sua escola virgem da presença ameaçadora de estranhos. É a que supera os preconceitos de raça, de classe, de sexo e se radicaliza na defesa da substantividade democrática. Por isso

mesmo se bate por uma crescente democratização nas relações que se travam na escola e das que se estabelecem entre a escola e o mundo fora dela. É a que não considera suficiente mudar apenas as relações entre educadora e educandos, amaciando essas relações, mas, ao criticar e tentar ir além das tradições autoritárias da escola velha, critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo. E ao realizar-se assim, como prática eminentemente política, tão política quanto a que oculta, nem por isso transforma a escola onde se processa em sindicato ou partido. É que os conflitos sociais, o jogo de interesses, as contradições que se dão no corpo da sociedade se refletem necessariamente no espaço das escolas. E não podia deixar de ser assim. As escolas e a prática educativa que nelas se dá não poderiam estar imunes ao que se passa nas ruas do mundo. Do ponto de vista, porém, dos interesses dominantes, é fundamental defender uma prática educativa neutra, que se contente com o puro ensino, se é que isto existe, ou com a pura transmissão asséptica de conteúdos, como se fosse possível, por exemplo, falar da “inchação” dos centros urbanos brasileiros sem discutir a reforma agrária e a oposição a ela feita pelas forças retrógradas do país. Como se fosse possível ensinar não importa o quê, lavando as mãos, indiferentemente, diante do quadro de miséria e de aflição a que se acha submetida a maioria de nossa população (Freire, 2011, p. 49).

A prática pedagógica de Freire era vista como uma ação política que envolvia diálogo, reflexão, pesquisa e análise, além da consciência de que o conhecimento era construído a partir da realidade social. Ele criticou a chamada “educação bancária”, que via o educador como alguém que simplesmente depositava conhecimento nos alunos, tornando-os meros receptáculos passivos. Para Freire, essa abordagem reforçava a opressão e a alienação (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Na concepção que estamos criticando, muitas vezes referida como “educação bancária”, na qual a educação é vista como um ato de depositar, transferir e transmitir valores e conhecimentos, não ocorre nem pode ocorrer a superação mencionada. Pelo contrário, essa abordagem, ao refletir a sociedade opressora e ser uma extensão da “cultura do silêncio”, perpetua e incentiva contradições (Freire, 1996, p. 57-76). Portanto, nesse contexto:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
 - b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
 - c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
 - d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
 - e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
 - f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
 - g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
 - h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
 - i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
 - j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo: os educandos, meros objetos.
- “Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feita” para ser de “experiência narrada ou transmitida” (GRIFO NOSSO).*

Em contraste com a educação bancária, Freire propôs uma educação problematizadora e libertadora, na qual os alunos se tornam sujeitos ativos do processo de aprendizado. Ele enfatizava o diálogo como essencial para a humanização do homem e do mundo, e acreditava que a educação deveria oportunizar os oprimidos a se conscientizarem de sua condição e a se tornarem agentes de transformação (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Dermeval Saviani, por sua vez, contribuiu para o campo da educação tendo fundamentos teóricos complementares. Ele via a educação como um instrumento de luta de classes e acreditava que a escola deveria incitar os alunos a transformar sua realidade, desenvolvendo o senso crítico e a conscientização. Saviani argumentava que a sociedade era fundamental na formação da escola e que a educação estava voltada para a prática social e a transformação da estrutura social (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Saviani também destacava a importância dos conteúdos na educação, especialmente os conhecimentos sistematizados que têm relevância ao longo do tempo. Ele via a escola como um meio de transmitir conhecimentos que permitem às pessoas compreender e intervir na realidade. Essa compreensão e capacidade de intervenção na realidade podem facultar às pessoas a capacidade de promover mudanças e influenciar em suas vidas, tornando-se agentes ativos em vez de serem dominados passivamente (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Em resumo, tanto Paulo Freire quanto Dermeval Saviani têm fundamentação crítica da educação e viam a importância dela na transformação social, política e econômica. Suas abordagens podem ser diferentes em alguns aspectos, mas ambos buscavam tornar sujeitos históricos e agentes ativos na construção por uma sociedade mais igualitária e justa (Schütz; Fensterseifer, 2018).

Saviani (2011) argumenta que a escola, de fato, transmite conteúdo, mas esse conteúdo não permanece estático. O aluno assimila esse conteúdo, elaborando-o e transcendendo-o por meio de um processo de reprodução dialética. Esse processo envolve a apropriação da verdade para, a partir dela, modificá-la e criar uma nova perspectiva da verdade. Essa concepção refere-se à verdade material, uma vez que, como é amplamente conhecido, o materialismo rompe qualquer conexão com uma Verdade transcendental. Portanto, o autor enfatiza:

Em suma, pela mediação da escola, acontece a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita. Cumpre assinalar, também aqui, que se trata de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, portanto, de forma alguma são excluídas (Saviani, 2011, p. 20).

Em 2021, Saviani atualizou a contextualização dessa abordagem, esclarecendo que, ao contrário do que muitos podem acreditar e do que algumas declarações de Paulo Freire possam sugerir, ele não se tornou um educador por meio de experiências práticas. Na verdade, Saviani desenvolveu sua teoria após vivenciar experiências de alfabetização. A prática notável das “40 horas de Angicos” se refere a um evento ocorrido somente em 1963, onde Paulo Freire, juntamente com sua equipe, alfabetizou um grupo de adultos em 40 horas de aulas intensivas.

No entanto, é importante destacar que a base teórica de Saviani foi estabelecida em sua tese de concurso, anterior a esse evento. Uma citação relevante para esse contexto pode ser encontrada na obra de Saviani, onde ele esclarece seu percurso teórico e prático:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 2011, p. 13).

O sucesso da experiência em Angicos impressionou o Presidente João Goulart e sua equipe, que estavam envolvidos nas Reformas de Base, incluindo a reforma da educação. O Ministro da Educação, Paulo de Tarso, então convidou Paulo Freire para liderar a Comissão Especial encarregada do Programa Nacional de Alfabetização, estabelecido pelo Decreto n. 53.465, de 21 de janeiro de 1964 (Saviani, 2021).

Este programa, conhecido pelo “Método Paulo Freire”, visava alfabetizar e politizar cinco milhões de adultos. Isso tinha importância política porque a legislação eleitoral da época exigia que os eleitores fossem alfabetizados. Portanto, essa iniciativa não apenas aumentaria o número de eleitores, mas também traria para o eleitorado pessoas das camadas populares, conscientizando-as sobre sua opressão e desafiando-as a lutar por mudanças. No entanto, o golpe militar de 1964 interrompeu abruptamente esse programa. Em 14 de abril de 1964, foi emitido o Decreto n. 53.886, que revogou o programa. As classes dominantes, que eram contrárias às Reformas de Base e à política de alfabetização, apoiaram o golpe militar, que também rejeitou essa iniciativa (Saviani, 2021).

Diante do fechamento político, Paulo Freire foi para o exílio, privando o Brasil de sua importante contribuição. Pode-se especular que, sem o golpe, as Reformas de Base teriam avançado, incluindo o Programa Nacional de Alfabetização. Paulo Freire teria desempenhado um papel significativo no movimento educacional do país, indo além da alfabetização e influenciando as redes públicas de educação (Saviani, 2021).

CAPÍTULO 2

PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR NO BRASIL

Nesse capítulo será retratado uma breve discussão a respeito do processo histórico pelo qual a educação passou ao longo dos vários séculos no Brasil, onde se iniciou com a chegada da companhia de Jesus até as conquistas atuais. Também trataremos sobre a influência da pedagogia freiriana em sua prática na Educação infantil.

2.1 Processo histórico da Educação Infantil

Salienta-se que para compreender os processos e métodos educacionais é importante considerar o processo histórico de concepção da educação pré-escolar no Brasil, pois a concretização da educação pré-escolar no Brasil é um processo que remonta ao longo de séculos, com mudanças sociais, políticas e econômicas.

Em 1549, com a chegada dos jesuítas no Brasil, surge aqui o primeiro sistema educacional baseado na moral e ética cristã, Santana trás as seguintes considerações:

Com o início do processo de colonização do Brasil e a chegada dos padres jesuítas em 1549, nasce sob a égide portuguesa o primeiro sistema educacional brasileiro. A pedagogia jesuítica é direcionada pelo Ratio Studiorum (conjunto de regras e métodos educacionais que rege as práticas pedagógicas dos jesuítas), fundamentada no cristianismo e tem uma concepção de criança santificada que deve imitar o menino Jesus (Santana, 2011, p. 3).

A educação jesuítica era destinada as crianças da colônia e aos filhos dos colonos, e para cada um deles ela tinha um objetivo diferente destaca ainda que:

A instrução que os jesuítas destinavam aos curumins era muito mais aculturação do que educação propriamente dita. Esta era oferecida aos filhos dos colonizadores que além de aprender a ler, escrever e contar cursava Letras, Ciências e Filosofia; aqueles que desejavam seguir a carreira religiosa estudavam Teologia e os demais iriam para a Universidade de Coimbra em Portugal. Enquanto que à criança indígena era oferecido algum tipo de instrução, mesmo que fosse apenas para impregná-la da cultura portuguesa, às crianças escravas nenhum tipo de educação lhes era oferecido. A estas estava destinado o trabalho a partir dos cinco a seis anos. Époça em que a criança branca iria para a escola, as negras começavam a realizar pequenos trabalhos (Santana, 2011, p. 3-4).

Vimos que as primeiras escolas reuniam os filhos dos índios e dos colonos, mas a tendência da educação jesuítica que se confirmou foi separar os “catequizados” dos “instruídos”. A ação sobre os indígenas resumiu-se então em cristianizar e pacificar, tornando-os dóceis para o trabalho nas aldeias. Com os filhos dos colonos, porém, a

educação podia se estender além da escola elementar de ler e escrever, o que ocorreu a partir de 1573 (Aranha, 2006, p. 142).

Percebemos assim a diferença da educação para os filhos dos colonos e as demais crianças das colônias, havia assim uma separação entre classe e raça. Neste período a criança não era vista como um ser que possuía direitos. Santana (2011):

Todo o período colonial brasileiro foi marcado pela ausência de uma concepção de infância que assegurasse às crianças o direito de serem efetivamente crianças, vivendo em companhia de suas famílias e tendo acesso à alimentação de qualidade, moradia digna, saúde e educação sem distinção social ou racial (Santana, 2011, p. 4).

Apenas em 1726 foi instituída a primeira instituição para crianças, Roda ou Casa dos Expostos que recebia crianças ainda bebês sem discriminação racial (Santana, 2011, p. 4). A casa dos Expostos tinha como objetivo oferecer assistência a bebês e crianças abandonadas, era portanto, uma instituição assistencialista.

O interesse sobre os cuidados com as crianças ainda assistencialistas foi prolongado devido a preocupação com a mortalidade infantil. Como Santana (2011) observa:

No Brasil, quem primeiro direcionou o olhar para a infância foram os médicos higienistas, devido ao alto índice de mortalidade infantil. A partir daí, a educação infantil esteve ao longo de sua trajetória aliada às questões de saúde e ao assistencialismo (Santana, 2011, p. 5).

A educação infantil se constituiu recentemente na legislação como um direito. Durante anos, a educação infantil era vista como assistencialista, e somente no fim do século XIX fundou-se uma instituição denominada Instituto de Proteção e Assistência à Criança do Brasil com objetivo de criar creches e jardins de infância e somente no início do século XX foi instaurado a primeira creche, com fins delimitados. Em 1909, tivemos a primeira creche para filhos de operários com até dois anos, mas a maior parte das práticas voltadas para crianças de zero a seis anos era de caráter médico (Silva; Francischini, 2012).

Como já mencionado, a educação era fomentada com um ar assistencialista, sendo assim, as crianças eram cuidadas por um grupo de pessoas, e nesse meio quase não era mencionado a existência de profissionais da educação. Santanna (2011):

Até o final do século XIX e início do século XX não houve nenhuma intenção genuinamente educacional voltada para as crianças de zero a seis anos. De fato, o que existia era um grupo de profissionais de diferentes áreas como: médico-higienista, jurídico-policia e religiosa que aliadas a uma associação de senhoras caridosas estavam preocupadas em oferecer assistência às crianças pobres, mães trabalhadoras, gestantes e nutrizas. Raramente é mencionada a presença de profissionais da educação envolvidos nesses eventos e projetos direcionados para a infância. Fato esse que

denota a desvinculação entre as instituições que atendem a criança pequena e os professores (Santana, 2011, p. 5).

Ao decorrer de décadas, e após a ditadura militar, a educação para crianças deixou de ser assistencialista e assim percebida como um direito, desse modo, o Estado assegurou alguns direitos através da Constituição. Santana (2011) retrata:

A primeira deixou de ser vista como objeto de benevolência, e passou a ser vista como cidadã que tem seus direitos assegurados pela Constituição. Enquanto que a segunda passou a ser reconhecida pelo Estado como um direito a ser ofertado pelo mesmo através de creches e pré-escolas para todas as crianças de zero a seis anos (Santana, 2011, p. 8).

Ao notar que era necessário maior atenção aos cuidados destinados à educação infantil, foi estabelecido em documentos oficiais leis em prol da educação infantil. Saímos de uma concepção assistencialista, para então uma concepção onde a criança é um sujeito de direitos. Santana (2011):

Em 1990, foi publicado o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA; em 1994 o MEC elaborou um documento intitulado Política Nacional de Educação Infantil que relatava a real situação da educação infantil no país, em 1996 foi promulgada LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na qual o trabalho pedagógico na educação infantil ganhou nova dimensão no âmbito educacional e em 1998 foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil com o objetivo de discutir sobre a educação infantil e investir em políticas públicas destinadas à aplicação de recursos financeiros que viabilizassem uma educação infantil de qualidade (Santana, 2011, p. 9).

Em 1996 tivemos a primeira lei que deu ênfase no processo educacional na primeira etapa da educação, onde a Lei nº. 9.394/96, Art. 29 determina que: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996).

2.2 Paulo Freire e a Educação Infantil

Ao longo do tempo, os desenvolvimentos na educação infantil foram influenciados por mudanças na compreensão das crianças como sujeitos de direitos. No passado, a visão predominante era que as crianças deveriam aprender apenas através da intervenção do professor, como Paulo Freire retrata na conhecida educação bancária, atualmente tem-se uma visão de que a aprendizagem não acontece somente a partir da educação formal, mas também no meio dado informal, com brincadeiras, jogos, conversas, histórias. Segundo a autora:

Compreender a criança como sujeito de direitos possibilita ampliar a noção de que a criança deve aprender somente por meio da intervenção do professor, já que ela pode aprender também a partir das brincadeiras e interações com o meio e seus pares, assim como por meio de suas múltiplas linguagens (Sousa, 2021, p. 27).

Atualmente, entendemos a criança como um sujeito com direitos que inclusive são amparados pela legislação. Assim, compreende-se as crianças como “agentes” e “sujeitos” que participam ativamente do seu próprio desenvolvimento, autonomamente e apoiados através da percepção educacional de Paulo Freire, que defendeu a visão de que o conhecimento é uma construção coletiva, Sousa aborda essa situação oferecendo as seguintes considerações:

Essa percepção da criança como “agente” e “sujeito” do seu próprio desenvolvimento vai ao encontro da visão freiriana sobre o processo de conhecimento infantil, em especial nos ambientes educativos. [...]Em consequência, a educação deve criar condições para que a criança possa aprender criando, perguntando, investigando, arriscando-se e, assim, se desenvolvendo (Sousa, 2021, p. 27).

Paulo Freire retrata massivamente a ideia de que é necessário que a educação seja crítica, emancipatória, para que compreendam que o processo de aprendizagem não é algo solidificado, mas que está em constante construção, assim como na educação infantil, onde há um mundo de possibilidades, cheio de possíveis descobertas e para que isso ocorra, é pertinente estimular algumas situações problemas no cotidiano social. Como Sousa ainda destaca em sua dissertação:

A pedagogia freiriana visa desenvolver a capacidade crítica dos alunos, permitindo que compreendam que o conhecimento não é algo pronto, mas algo que pode ser constantemente analisado, questionado, criticado e refeito. Essa abordagem libertadora se alinha com as características da primeira infância, como a curiosidade, a liberdade, a imaginação e os questionamentos, que devem ser utilizados como ferramentas para a exploração do conhecimento (Sousa, 2021, p. 28).

Para que exista uma aprendizagem respeitosa com os processos de cada criança é necessário ainda compreender o meio desse sujeito, para que de fato atendam as necessidades de cada indivíduo em seu dia a dia. Ressaltando dessa maneira que:

Além disso, é essencial que os educadores considerem e respeitem os diferentes contextos sociais e culturais nos quais as crianças vivem, uma vez que esses contextos influenciam suas necessidades cognitivas e a forma como se expressam e lidam com suas emoções (Sousa, 2021, p. 28).

Freire nos orienta ainda que o processo de aprendizagem é constante, com avanços e retrocessos, e que é repleto de ressignificado a partir da criticidade, e com as crianças também existe esse aspecto, assim com Sousa menciona:

Paulo Freire ensina que o aprendizado é um processo de desconstrução e reconstrução, de buscar os significados e refazê-los, a partir de uma postura crítica que, no caso das crianças, deve ser o trabalho constante dos professores junto com elas, mediado pelo diálogo (Sousa, 2021, p. 30).

A educação infantil desempenha um papel fundamental na educação das crianças, e uma abordagem cada vez mais relevante é a pedagogia freiriana, que coloca o diálogo como elemento central. Paulo Freire, um dos educadores mais famosos da história, enfatizou que o diálogo não é uma simples conversa, uma tática para fazer amigos ou uma simples troca de informações (Saul; Silva, 2011). Pelo contrário, o diálogo é uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento, porque envolve a troca de saberes e constitui as condições para a construção coletiva do conhecimento (Saul; Silva, 2011).

Agora precisamos pensar: Como organizamos esse espaço onde a criança é o sujeito ativo de seu processo? A partir do meio, a criança explora todo o seu potencial conhecimento, e nesse processo elas se reconhecem, e reconhecem suas fragilidades, seus limites, e nesse aspecto o professor atua como mediador, e assim a criança se torna sujeito ativo em seu desenvolvimento.

Os espaços que se constroem com base na visão das crianças facilitam a convivência ativa, a brincadeira livre, a construção coletiva do conhecimento, em interação com o ambiente, por meio da criação de hipóteses, da experimentação. No decorrer desses processos, as crianças conhecem suas limitações, reconhecem seus interesses sendo, assim, sujeitos de seu desenvolvimento (Sousa, 2021, p. 34).

É imprescindível nos atentar ao que Paulo Freire diz sobre a importância do diálogo frente a aprendizagem, pois não se remete a qualquer conversa, sem fins e incoerência, ele remete o diálogo como um meio de transformação sendo até indispensável na educação infantil. Sendo assim:

o método freiriano, que usa o diálogo e seus três vetores – escuta, tolerância e amorosidade – como estratégia de ensinar-aprender e transformar o mundo, como um ato intencional de reflexão e mudança, pode ser desenvolvido na Educação Infantil. Além disso, pode ser empregado, como aliado, no processo de humanização dos sujeitos (Sousa, 2021, p. 37).

Vale questionar, como o diálogo contribui de maneira significativa nesse processo de ensino-aprendizagem? No contexto da educação infantil, o diálogo torna-se uma forma eficaz de criar conhecimento de forma coletiva e colaborativa. Permite que as crianças aprendam de forma mais integrada, evitando divisões de conceitos, valores, competências e atitudes face à aprendizagem, fundamentais nesta fase inicial da educação. Isto significa que os professores,

tanto na educação infantil como nos anos seguintes, devem valorizar a aprendizagem destas diferentes áreas de conteúdo para o desenvolvimento integral das crianças. Diante disso, Saul e Silva contribuem considerando:

O diálogo implica uma troca de saberes, mas não se esgota nela. É condição para a construção de conhecimento, porque na situação dialógica a comunicação entre os sujeitos que estão dialogando problematiza o objeto de conhecimento, questionando, criticando, avaliando, trazendo novos aportes de informação, enfim, ampliando as dimensões do que é possível saber sobre o objeto a ser conhecido/reconhecido.

Por meio do diálogo, é possível a construção de conhecimento de forma coletiva e colaborativa. Esse modo de construir conhecimento permite trabalhar com as crianças de forma mais integrada evitando, assim, a cisão do aprendizado de conceitos, valores, habilidades e atitudes; saberes indispensáveis na educação infantil. Essa concepção abrangente e inclusiva de aprendizagem possibilita, também, que os professores de educação infantil, assim como aqueles dos anos subsequentes valorizem, no mesmo nível de importância, o aprendizado desses diferentes conteúdos para o desenvolvimento da criança (Saul; Silva, 2011, p. 4).

A pedagogia freiriana pode estar presente em todos os aspectos da educação infantil e uma forma de conseguir isso é integrar o diálogo com a brincadeira. Através da brincadeira, as crianças exploram o mundo, absorvem conceitos, expressam emoções e desenvolvem sentidos orgânicos. Portanto, o brincar não deve ser visto como um espaço ou tempo exclusivo, mas como um elemento que permeia todos os momentos de aprendizagem. Sendo assim:

Na educação infantil, o jogo, a brincadeira, são condições para o aprendizado da criança. A brincadeira faz parte da cultura infantil em todos os povos. Desde muito cedo, por meio da brincadeira, a criança aprende a ler o mundo, condição para a produção e aquisição de conhecimento – e que por isso se impõe como necessidade. Nessas situações a criança aprende conceitos, valores, a expressar emoções e desenvolve seus sentidos orgânicos. Torna-se alerta, curiosa, crítica, confiante (Saul; Silva, 2011, p. 6).

Em ambiente escolar, isto implica fazer do brincar o centro organizador do currículo, permitindo trabalhar com as crianças em diferentes situações de aprendizagem para promover o seu desenvolvimento.

A brincadeira não pode ser entendida como um espaço/tempo único, exclusivo, no conjunto das atividades da criança e sim, deve permear todos os momentos de aprendizagem. Ao pensar no trabalho com as crianças na escola de educação infantil, quer na sala de aula, ou em ambientes externos, tomando a brincadeira como centro organizador do currículo, é possível trabalhar em diferentes situações de aprendizagem que propiciam o desenvolvimento da criança: dança, teatro, contação de histórias, música, artes plásticas, rodas de conversa e outras (Saul; Silva, 2011, p. 7).

Considerando a proposta enriquecedora das práticas freirianas, é perceptível que é possível trabalhar de maneira respeitosa, dialógica, e cheia de significados para as crianças da

Educação Infantil. Como nos é mostrado: “Nos diferentes espaços/tempos da educação infantil é possível, como foi aqui apresentado, construir um trabalho significativo para o desenvolvimento das crianças, com a inspiração freiriana” (Saul; Silva, 2011, p. 7).

Paulo Freire nos mostra que a pedagogia tradicional ou por ele denominada de bancária é expressão da preparação para submissão e da aceitação da opressão, por isso a sua educação crítica é libertadora e devemos iniciar esse processo de conscientização já na educação infantil.

CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho oferece uma análise das contribuições da pedagogia freiriana para a educação infantil, destacando seu contraste com as ideias de Dermeval Saviani. Ambos os educadores partilham a perspectiva de que a educação é um instrumento de transformação social, mas as suas abordagens diferiam em método e foco. Dermeval Saviani baseia sua visão na teoria social de Marx, sobreleva a relação entre educação e trabalho como um processo imaterial. Destaca a escolaridade como importante agente na socialização do conhecimento codificado. Em contrapartida, Paulo Freire oferece uma abordagem crítica rejeitando a “educação bancária” e enfatizando o diálogo, a reflexão e a sensibilização como elementos essenciais. Ambos concordaram que a educação não é neutra, mas um meio de transformação política e social. A ênfase no diálogo, na reflexão crítica e na sensibilização é sublinhada como fundamental para formar indivíduos capazes de agir para construir uma sociedade mais justa e equitativa. O trabalho também contextualiza as ideias desses educadores no contexto histórico-político do Brasil, especialmente durante o golpe militar de 1964. O presente trabalho também ressalta ainda a importância da brincadeira, da imaginação e da solidariedade na educação pré-escolar. A integração da pedagogia freiriana na educação infantil é ressaltada pelo diálogo, pela autonomia e pela participação ativa das crianças no seu próprio desenvolvimento. O brincar é reconhecido como condição básica para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Em suma, o trabalho oferece uma análise abrangente das contribuições de Freire e Saviani para a educação, destacando seus pontos de convergência e divergência, além de situar suas ideias em um contexto histórico. Destaca-se a importância de práticas pedagógicas que respeitem a individualidade das crianças, estimulem o diálogo e a brincadeira e promovam uma educação crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.
- DA ROCHA, Jozelito Serafini. Natureza da educação e sua especificidade na visão de Dermeval Saviani. **Cadernos PDE**, Curitiba, v. 1, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 1970.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. **Introdução à psicologia escolar**, v. 3, p. 61-78, 1997.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira. **Pedagogia da solidariedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.
- GADOTTI, Moacir. Freire's Intellectual and Political Journey. In: TORRES, Carlos Alberto. **The Wiley Handbook of Paulo Freire**. 2019. p. 31-49.
- SANTANA, D. Infância e educação infantil no Brasil: percursos e percalços. **Enciclopédia biosfera**, [s.l.], v. 7, n. 12, 2011. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/4594>. Acesso em: 13 out. 2023.
- SAUL, Alexandre; SILVA, Camila Godói da. Contribuições de Paulo Freire para a educação infantil: implicações para as políticas públicas. In: SIMPÓSIO ANPAE, 25, São Paulo, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011. 137 p.
- SAVIANI, Dermeval. Paulo Freire, centésimo ano: Mais que um método, uma concepção crítica de educação. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. e254988, 2021.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A relação entre educação e cidadania em Paulo Freire e Dermeval Saviani: reflexões sob a ótica de Hannah Arendt. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 26, p. 2, 2018.

SILVA, Carmen V. M.; FRANCISCHINI, Rosângela. O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para as crianças no Brasil. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 8, n. 12. p. 257-276, jan./jun. 2012.

SOUSA, Janaína Quirino. **Pedagogia Freiriana**: contribuições da educação popular brasileira para a Educação Infantil. 2021. 41 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Pedagogia) – Escola de Formação de Professores e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021.

TEIXEIRA, Jober Chacon. **Concepções pedagógicas**: uma comparação entre as propostas de Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Paulo Freire e Dermeval Saviani. 67 f. 2022. Dissertação. (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2022.